

**AZEVEDO AMARAL E A COLUNA “CARTAS DE LONDRES”:**  
Apontamentos sobre a História da Imprensa brasileira durante a  
Primeira Guerra Mundial (1910-1917)

**AZEVEDO AMARAL AND THE “LONDON LETTERS”:**  
Notes on the History of the Brazilian Press during the First World  
War (1910-1917)

DOUGLAS PEREIRA RODRIGUÊS<sup>1</sup>

**RESUMO**

Este artigo tem como objetivo apresentar ao leitor o início da carreira jornalística de Azevedo Amaral como correspondente internacional do jornal *Correio da Manhã*, por meio de sua coluna intitulada "Cartas de Londres". Publicada entre os anos de 1910 e 1917, a coluna tinha como objetivo central discutir o cenário político europeu, com destaque para os acontecimentos relacionados à Primeira Guerra Mundial, os quais obtiveram grande aceitação do público leitor do jornal. O sucesso da coluna "Cartas de Londres" projetou Azevedo Amaral como um importante jornalista no início da década de 1920, no Rio de Janeiro. Além de apresentar a trajetória do jornalista, este estudo busca contribuir com a História da Imprensa, já que a imprensa periódica tem se tornado uma importante fonte documental para os historiadores nos últimos anos.

**Palavras-chave:** História da Imprensa. Primeira Guerra Mundial. Intelectual brasileiro.

**ABSTRACT**

This article aims to introduce the reader to the beginning of Azevedo Amaral's journalistic career as an international correspondent for the newspaper *Correio da Manhã*, through his column entitled "Cartas de Londres". Published between 1910 and 1917, the main objective of the column was to discuss the European political scenario, with emphasis on events related to the First World War, which were widely accepted by the newspaper's readership. The success of the column "Letters from London" projected Azevedo Amaral as an important journalist in the early 1920s, in Rio de Janeiro. In addition to presenting the journalist's trajectory, this study seeks to contribute to the History of the Press, since the periodical press has become an important documentary source for historians in recent years.

**Keywords:** Press History. First World War. Brazilian intellectual.

---

<sup>1</sup> Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás (UFG/PPGH). E-mail: [douglas\\_historia@yahoo.com.br](mailto:douglas_historia@yahoo.com.br)

## INTRODUÇÃO

Azevedo Amaral foi um intelectual que dedicou grande parte de sua vida ao jornalismo político de sua época. Enquanto “intelectual mediador”, Amaral passou por vários periódicos durante os anos de 1920, seja como colaborador ou como redator-chefe, ganhando grande notoriedade no campo jornalístico e intelectual do Rio de Janeiro. Podemos citar como destaque suas passagens pelos jornais *Correio da Manhã*, *O Paiz*, *Gazeta de Notícias*, *O Jornal*, *A Nação*, além das revistas *Diretrizes*, *Novas Diretrizes* e *Cultura Política*.

Durante a década de 1930, Azevedo Amaral teve sua maior produção profissional, intercalando as atividades no campo jornalístico com o campo intelectual. Foi nesse momento em que escreveu suas principais obras: *Ensaios Brasileiros* (1930), *O Brasil na Crise atual* (1934), *A aventura política no Brasil* (1935), *Renovação nacional* (1936), *O Estado Autoritário e a Realidade Nacional* (1938) e *Getúlio Vargas: estadista* (1941). A partir desses trabalhos, ele ficou amplamente reconhecido no campo intelectual de sua época, como também na historiografia sobre o Brasil Republicano.

A imprensa periódica foi, sem dúvidas, o campo ao qual Azevedo Amaral mais dedicou seu tempo. Foi por meio dela que ele ganhou visibilidade e iniciou sua trajetória como escritor crítico. Cabe observar que a imprensa periódica brasileira, no início do século XX, funcionava como um espaço de disputa pela legitimidade das narrativas e, conseqüentemente, pelo poder. Publicar e ter espaço, principalmente nos jornais de grande circulação, era o passaporte para o sucesso profissional, seja como jornalista ou como intelectual. Nesse sentido, trabalhando como correspondente internacional no *Correio da Manhã*, com a coluna “Cartas de Londres”, Azevedo Amaral ganhou prestígio e visibilidade no campo jornalístico da década de 1920.

Nesse contexto, o estudo objetiva preencher a lacuna na historiografia sobre o pensamento político de Azevedo Amaral, que ainda não se debruçou sobre o referido momento de sua carreira. Grande parte dos trabalhos já consolidados, e que são referência sobre Azevedo Amaral, são datados do final dos anos de 1980 e 1990, e se dedicaram a estudar, fundamentalmente, suas

obras escritas a partir da década de 1930. O início de sua carreira, suas ideias, e a forma como ele se tornou conhecido em sua época, ainda são um hiato na historiografia. Este estudo, ainda que prematuro, vem no sentido de contribuir com a historiografia específica sobre o tema, bem como contribuir com a História da Imprensa de modo mais amplo, na medida em que busca, através do estudo das fontes jornalísticas, apresentar um pouco do que foi os primeiros anos da carreira de Azevedo Amaral, bem como caracterizar o cenário jornalístico do Rio de Janeiro no final da década de 1910 e início da década de 1920.

## **1. O CORREIO DA MANHÃ E O CAMPO JORNALÍSTICO DO SÉCULO XX NO RIO DE JANEIRO**

A imprensa periódica tem se tornado, nos últimos anos, uma importante fonte documental para nós, historiadores. Houve uma busca crescente, principalmente de jornais e revistas, que estão sendo disponibilizados em plataformas de pesquisa digital, seja através de bibliotecas públicas e privadas, ou pelos próprios órgãos de imprensa, os quais buscam, em alguma medida, preservar parte de sua história. De acordo com Leite (2015), a imprensa periódica, enquanto objeto de estudo e fonte de pesquisa, tem subsidiado a historiografia em seus domínios e vertentes interpretativas, possibilitando ao historiador realizar análises de cunho social, econômico, político ou cultural.

No Brasil, os periódicos passaram por várias transformações na virada do século XIX para o XX. De acordo com Pereira (2012), nessa época, a imprensa periódica passou a ter mais investimentos, maior consumo de papel e maiores inovações tecnológicas, principalmente na questão tipográfica. Assim, surgiram novas tecnologias, como o cinematógrafo, o fonógrafo, o gramofone, os daguerreótipos, a linotipo e as Marinonis (máquinas rotativas), que invadiram a cena urbana e o imaginário social na virada do século XIX para o XX, trazendo amplas transformações nos periódicos da época.

O *Correio da Manhã*, fundado no ano de 1901, foi um dos jornais que trouxe as respectivas inovações para a imprensa carioca daquele contexto. Seu fundador, Edmundo Bittencourt, foi um dos grandes jornalistas do período. O

jornal, ao longo de sua história de quase setenta anos, teve grandes revisores e redatores como Ruy Barbosa, Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector, Costa Rego, Graciliano Ramos, Aurélio Buarque de Holanda, dentre outros. Para Campos (2016), o *Correio da Manhã*, desde seus primeiros editoriais, se autointitulava como um “jornal de opinião”, ou seja, como um produto que tentava se desvencilhar dos poderes políticos constituídos. Porém, o empreendimento acabou por se tornar um verdadeiro agente histórico da vida social brasileira no tempo em que circulou, colaborando, dentre outros fatores, para a promoção e para o afastamento de ministros e presidentes do Brasil. Nesse sentido, o jornal atuou na ascensão e queda de Getúlio Vargas, na sustentação à administração de Juscelino Kubitschek, no apoio e na crítica ao governo de João Goulart, e na adesão e condenação da Ditadura Militar.

Apesar do jornal ter sido editado no Rio de Janeiro, ele também tinha grande circulação em âmbito nacional. Suas edições diárias circulavam por quase todas as cidades do país, com grande variedade de temas abordados. De acordo com Campos (2016), embora o *Correio da Manhã* tivesse muitas personalidades ligadas às mais diferentes áreas – como as artes plásticas, a música, o cinema, o teatro, a literatura, a política, a economia, etc. –, eles estavam cientes do grau de alcance do impresso na formação da dita “opinião pública”, que funcionava como um denominador comum.

De acordo com Traquina (2005), não é possível compreender as notícias sem uma compreensão da cultura jornalística e de seus profissionais, isto é, não há como entender por que as notícias são como são sem uma compreensão dos profissionais que são os agentes especializados do campo jornalístico. Essa compreensão advém da análise das características desses profissionais e seu microcosmo, os quais definem o campo jornalístico.

Historicamente, o campo jornalístico, para Traquina (2005), começou a ganhar força nas sociedades ocidentais durante o século XIX com o desenvolvimento do capitalismo e os processos de industrialização, urbanização, educação em massa e com o progresso tecnológico. Para o autor, as notícias se tornaram, simultaneamente, um gênero e um serviço; o jornalismo tornou-se um negócio e um elo vital das teorias democráticas, e os jornalistas

ficaram empenhados num processo de profissionalização que procurava maior autonomia e estatuto social.

Nesse sentido, o jornal *Correio da Manhã* e o jornalista Azevedo Amaral se inserem nessa cultura jornalística do início do século XX, no Brasil. Se, por um lado, o jornal trazia várias inovações para a imprensa do Rio de Janeiro, por outro lado, Azevedo Amaral surgia como esse agente especializado que buscava se profissionalizar enquanto jornalista.

Para Traquina (2005), essa crescente busca de inovação por parte dos jornais, bem como a consolidação da profissão de jornalista, acompanharam diretamente uma tendência histórica pela modernização e industrialização da sociedade. Nesse sentido, a imprensa periódica e o campo jornalístico do início do século XX, no Brasil, principalmente no Rio de Janeiro, têm se tornado uma importante fonte documental para o estudo da Primeira Guerra Mundial. Para Pereira (2012), a imprensa carioca optou pela neutralidade no início do conflito, pois, para esta, o Brasil deveria se ocupar com seus problemas internos ao invés de se envolver em um conflito daquela magnitude. Entretanto, grande parte da opinião pública, que tinha aceitado a neutralidade, passou a se posicionar ao lado dos aliados.

Conforme Rego e Leal (2015), a maioria dos periódicos trazia diariamente notícias da guerra, em geral, fornecidas pelas agências francesas ou inglesas, motivo pelo qual replicavam, sem nenhum filtro, a imagem que os aliados da “Tríplice Entende” tentavam vender dos alemães como um povo bárbaro e ambicioso. Os alemães também atuavam nos meios de comunicação, visando desqualificar os aliados da “Entende” e destacar sua superioridade. Para Pereira (2012), isso começou a mudar quando os jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo ampliaram seus escritórios para seus correspondentes ao redor do mundo, em meados de 1910.

É justamente nesse processo de expansão que Azevedo Amaral se insere, isto é, como um correspondente internacional que enviava suas cartas de Londres, comentando o andamento da guerra no continente europeu, sem passar, pelo menos no início do conflito, pelas autoridades governamentais da Inglaterra.

## **2. AZEVEDO AMARAL E AS “CARTAS DE LONDRES”**

Azevedo Amaral foi um intelectual mediador que teve parte de sua educação em casa, com sua mãe, Maria Francisca. Segundo Sodré (1942), foi no ambiente familiar que ele teve suas primeiras lições. Aos sete anos, iniciou seus estudos em uma instituição escolar, primeiro no Colégio Franco Brasileiro e, posteriormente, no Anchieta em Friburgo. No entanto, grande parte de sua educação ainda ficava restrita ao ambiente domiciliar. Apesar de seu pai ter desejado que ele seguisse a carreira militar, a influência das lições de biologia que recebeu no ensino fundamental o levou a seguir a medicina como profissão. Azevedo Amaral concluiu o ensino secundário aos 15 anos e, em 1897, aos 16 anos, ingressou na Faculdade de Medicina, formando-se em 1903. A carreira que escolheu seduziu seu espírito e daria margem a um dos fundamentos de sua mentalidade: o gosto pela biologia, a vontade de conhecer os segredos humanos, o que sempre teria uma importância fundamental em seus estudos posteriores e marcaria um dos alicerces mais profundos de sua obra (SODRÉ, 1942, p. 21).

Amaral se envolveu diretamente como o movimento estudantil de sua época, que estava interessado nas questões políticas, sobretudo nas reformas do campo educacional do Rio de Janeiro. Foi nesse momento que ele teve seu primeiro contato com o campo jornalístico, escrevendo, fundamentalmente, artigos que reivindicavam as pautas dos estudantes da Faculdade de Medicina. A família de Azevedo Amaral pertencia à elite da época, com situação estável o suficiente para que ele pudesse se dedicar aos estudos e à erudição. Seu pai, Ângelo Tomás do Amaral, foi um político bastante influente desde a época do Império. Era engenheiro civil e se dedicava a construções de estradas de ferro, as quais se iniciavam no Brasil. De acordo com Sodré (1942), ele trabalhou para Mauá até o ano de 1864; posteriormente, foi eleito presidente das províncias do Amazonas, Pará e Alagoas.

Depois de formado, Azevedo Amaral ficou uma temporada de 18 meses viajando pela Europa, visitando países como França, Itália, Suíça, Alemanha, Inglaterra, Bélgica e Holanda. Ao regressar ao Brasil, trabalhou no atendimento

clínico de operários em um porto, ficando nesse cargo por dois anos. Ao sair, fez uma nova viagem à Europa e, lá, retomou suas atividades no campo jornalístico, escrevendo artigos esporádicos para os jornais *Correio da Manhã*, *A Notícia*, *Gazeta de Notícias* e *Jornal do Comércio*. É nesse momento que Azevedo Amaral iniciou sua carreira de jornalista, profissão à qual se dedicou profundamente, até o restante de sua vida. Residindo em Londres por volta dos anos de 1910, ele colaborava com jornais escrevendo crônicas de ordem econômica e política. Todavia, foi no jornal *Correio da Manhã*, com sua coluna “Cartas de Londres”, que Azevedo Amaral começou a ganhar visibilidade no campo jornalístico do Rio de Janeiro.

A coluna “Cartas de Londres” foi sua primeira experiência como jornalista de ofício. A coluna começou de maneira esparsa, com crônicas que discutiam, principalmente, Direito e Comércio Exterior, tanto no contexto europeu, como no contexto brasileiro. Todavia, com o advento dos acontecimentos relativos à Primeira Guerra Mundial, a coluna começou a ser quinzenal e, depois, semanal. Em janeiro de 1913, o *Correio da Manhã* publicou, em seu editorial, uma apresentação de Azevedo Amaral, destacando quais eram seus pontos fortes, delineando seu perfil enquanto correspondente do jornal. A matéria destacava os anos de serviço que ele prestara ao jornal e a especificidade de suas análises referentes ao meio político europeu. Esse procedimento era praxis nos jornais impressos da época, pois concedia bastante visibilidade aos jornalistas e aos intelectuais. A imprensa periódica era uma espécie de trampolim para o sucesso no campo jornalístico e intelectual do período.

De Azevedo Amaral, o nosso correspondente epistolar em, Londres, estampamos hoje a fotografia, como homenagem ao seu talento e gratidão aos serviços que ele vem prestando aos nossos leitores há muitos anos, informando-os de tudo quanto ocorre no alto cenário da política europeia, e comunicando os acontecimentos a ela ligados com uma agudeza de visão verdadeiramente extraordinária (CORREIO DA MANHÃ, 1913, p. 1).

O texto versou sobre os tipos de jornalista que faziam correspondência internacional e as diferenças entre eles. De um lado, existiam os jornalistas que, ao narrar os acontecimentos, construía uma análise crítica, e, do outro, aqueles

que apenas narravam. Para o *Correio da Manhã*, Azevedo Amaral estava no primeiro grupo:

A sua obra jornalística é a de verdadeiro sociologista, para o qual a política europeia não tem segredos, apesar dele não ser um desses jornalistas de reputação afirmada pelos jornais a que pertencem do quanto pelo valor próprio, aos quais se confiam como que misteriosamente os segredos e os planos das chancelarias (CORREIO DA MANHÃ, 1913, p. 1).

A matéria finalizou distinguindo a especificidade do meio político inglês, que, naquele contexto, vivia em meio a agitações de grupos opositores ao governo, bem como ao agravamento das tensões políticas e sociais. O texto apontava críticas à democracia inglesa, sobretudo no que se refere às liberdades individuais, elogiando a forma como Azevedo Amaral analisava aquele contexto.

Tem-se, portanto, que mais do que em outro qualquer país europeu, a questão social requer competência para examiná-la. Azevedo Amaral tem apreendido, com um golpe de vista maravilhoso, esse estado social da magnífica potência marítima. Todo ele o público já o leu, tem sido da sua pena luminosamente discutido, do mesmo modo que o renascimento japonês, o destonamento de Adbul-Hamid, a complicação teuto-franco-espanhola em Marrocos, a empresa mediterrânea da Itália, a guerra turco-balkanica. Até agora, ainda não falhou o seu exercício, não falhará, dadas as excelentes qualidades de observação e a cultura de Amaral. Fora inútil acrescentar que as suas correspondências, as suas observações sobre o que se passa na Europa não é estranho ao Brasil. Através delas se encontra sempre a lição política, que devemos aproveitar e de que os nossos dirigentes não devem prescindir, quando entendam utilizar os frutos da experiência alheia. Azevedo Amaral, que conta 30 anos, formado em medicina, e filho do conselheiro Thomaz do Amaral, que além de político, tendo sido deputado em mais de uma legislatura e presidente de província, foi um jornalista de valor (CORREIO DA MANHÃ, 1913, p. 1).

Azevedo Amaral ganhou bastante notoriedade quando começou a escrever as cartas sobre os acontecimentos da Primeira Guerra Mundial. Escreveu 73 cartas entre a segunda metade de 1914, até sua saída do jornal, em novembro de 1917. Nesse contexto, o Brasil tinha relações bastante cordiais com os principais países beligerantes, como a Inglaterra, que era seu principal parceiro comercial, seguida da Alemanha e França. De acordo com



Nascimento (2017), o Brasil não tinha interesse estratégico e influência geopolítica nos territórios em que se desenvolveram os conflitos. Além disso, o país estava muito atrás no que tange ao avanço tecnológico e industrial para a guerra, em relação aos países participantes. Estes foram alguns dos motivos que levaram o país a declarar neutralidade perante o conflito.

De todo modo, a Inglaterra era o maior de todos os parceiros comerciais mundiais do Brasil. O país ocupava o posto de maior investidor estrangeiro; não só suprindo boa parte das importações brasileiras daquela época, como também sendo a principal fonte de capital financeiro do país. Aproximadamente metade das importações do Brasil advinha do país britânico, compostas sobretudo por carvão e produtos manufaturados, como o das indústrias têxtil e ferroviária. Todavia, ao optar pela neutralidade, o Brasil sofreu uma série de restrições comerciais impostas pelos beligerantes aos países neutros, principalmente da Inglaterra.

Por esse motivo, nessa ocasião, o jornal *Correio Da Manhã* publicou uma série de editoriais comentando sobre tais restrições e como elas estavam afetando a economia brasileira. Em uma edição de novembro de 1915, o jornal tr um artigo intitulado “O bloqueio inglês e os interesses brasileiros”, assinado por Gil Vidal, o qual dizia: “Repetidamente, há meses, temos clamado contra os prejuízos que nos acarreta o bloqueio decretado pela Inglaterra a fim de isolar comercialmente a Alemanha, e obrigá-la a se dar por vencida pela fome” (VIDAL, 1915, p. 1).

O artigo chamava a atenção aos prejuízos que o Brasil estava sofrendo pela política de restrição naval feita pela Inglaterra, a qual prejudicava a importação do seu principalmente produto na época, o café. A reclamação vinha, principalmente, de associações comerciais que contavam com capitais alemães, como, por exemplo, as empresas exportadoras de café, que foram incluídas na lista negra e exigiam a interferência constante do Itamaraty junto aos cônsules ingleses. Esse caso exemplifica o papel que a imprensa periódica tinha, como meio de dar visibilidade às reclamações e também de chamar a atenção dos governantes.

O posicionamento do Brasil no conflito, além de problemas comerciais,

suscitou um intenso debate que dividiu a opinião de intelectuais e políticos da época. De acordo com Rego e Leal (2015), ainda em 1914, vários escritores, jornalistas e intelectuais começaram a defender a entrada do Brasil na guerra, mostrando-se desfavoráveis à opção da neutralidade feita pelo governo. Naquele contexto, havia três posicionamentos: os “aliadófilos”, “neutrais” e “germanófilos”. Os aliadófilos eram simpáticos pelos Aliados, que fundaram, em 1915, a “Liga Brasileira pelos Aliados”, tendo como preferência as causas da Tríplice Entente. A fundação tinha Rui Barbosa como presidente, e contava ainda com nomes como Érico Veríssimo, Graça Aranha, Barbosa Lima, Olavo Bilac e Manuel Bonfim.

Os germanófilos, por sua vez, eram simpatizantes da Alemanha, e sustentavam a narrativa que o país estava sendo vítima da perseguição das potências tradicionais, as quais queriam destruir seu poderio militar, econômico e político. Na visão deles, a guerra iniciada entre os países europeus nada mais era do que outro conflito baseado em interesses comerciais, por meio da qual se pretendia preservar o status quo internacional e prevenir a ascensão da Alemanha (NASCIMENTO, 2017). Por outro lado, o principal argumento dos neutrais residia no fato de que a postura “aliadófila” significava um alinhamento automático aos Estados Unidos, o que colocava o Brasil em uma posição de dependência em relação àquele país. A manutenção da neutralidade também foi defendida pela imprensa carioca no início do conflito, e contava com figuras de destaque na opinião pública, como Assis Chateaubriand, Vicente de Carvalho, Jackson de Figueiredo, Alberto Torres e Azevedo Amaral.

Em uma carta intitulada “O ponto de vista americano”, publicado em sua coluna em novembro de 1915, Azevedo Amaral fez uma crítica na forma como a guerra estava sendo tratada pelos brasileiros, sobretudo pelo campo intelectual do período. Para ele, a guerra se apresentava, tanto por parte da elite dirigente do país, quanto para a grande massa, como um acontecimento distante. Na sua perspectiva, as posições aliadófilas e germanófilas eram apenas produto de demagogia e da retórica.

Quem observa de longe a altitude da maioria do público brasileiro em relação à guerra européia, não pode escapar a uma sensação estranha de surpresa e quase de pasmo. Com exceção de uma ou outra nota isolada, parecer haver tanto entre

as nossas massas como na minoria dirigente do país a ideia vaga de que este conflito gigantesco é para o povo brasileiro e para as outras nações latino-americanas um espetáculo gratuito, que os deuses compassivos nos ofereceu como diversão à monotonia das revoluções, das ditaduras e das moratórias que enchem o ciclo vicioso da história das repúblicas mestiças da América do tropical (AMARAL, 1915, p. 2).

Para Azevedo Amaral, a causa dessa atitude brasileira perante a guerra se devia a dois motivos: a análise dos fenômenos sociais e políticos por um ponto de vista meramente emocional, e a ausência de uma elite dirigente na sociedade que coordenasse a opinião pública para uma causa comum. Para ele, esses dois elementos fizeram com que a sociedade brasileira passasse a ser apenas um mero espectador do conflito. A opinião pública brasileira acerca da guerra seria apenas um reflexo da carência de uma elite intelectual no país.

A guerra europeia parece ter produzido sobre a emotividade popular brasileira, esse efeito de fascinação e magia. Sob a violenta vibração estética, determinada pelo choque da conflagração e pelo intenso colorido do cenário distante, a opinião brasileira ficou com as suas faculdades de discriminação e de vontade semi-paralisadas (AMARAL, 1915, p. 2).

Naquele contexto, Azevedo Amaral já apontava a necessidade de uma elite intelectual que poderia criar horizontes políticos e sociais para a nação. Com uma visão extremamente pessimista e dicotômica, ele dizia que tanto o Brasil, quanto o restante da América Latina eram inferiores e intelectualmente atrasados em relação à Europa, não só do ponto de vista político, mas também econômico e social. Mesmo com a guerra, o Brasil ainda continuava devedor e consumidor da cultura europeia, de seus valores, moral e costumes.

Toda a nossa vida espiritual veio e continuará a vir da Europa. Foi ela que nos transmitiu os deuses asiáticos que enchem os nossos templos. Foi ela que nos libertou do terror supersticioso pelo presente do fogo sagrado da razão. Sem a onda de calor e de vida espiritual, que segue destas terras meigas temperadas, onde o homem encontra o ambiente fadado ao pensamento, a América se estilhaçaria na inanição intelectual e adormeceria para sempre em um materialismo grosseiro e embrutecedor. A América ainda não atingiu o ponto da sua evolução em que ela poderá viver uma existência espiritual autônoma (AMARAL, 1915, p. 2).

Ainda, para Azevedo Amaral, a guerra representava o fim de um ciclo histórico; era um ponto de transformação, no qual velhas concepções de mundo deixariam de existir para dar lugar a outras. Essa ideia de transformação, denominada por ele como revolucionismo, é uma constante em seu pensamento político, e significava a mudança de um determinado paradigma através de um momento de crise política ou social. Nessa carta, Azevedo Amaral procurou discutir o lugar e o papel da América do Sul em relação à geopolítica mundial. Com o fim da guerra, surgiria um novo mundo e, nesse sentido, a América do Sul deveria tentar assumir um papel de destaque e relevância, deixando de ser apenas meros espectadores do mundo político.

Em outra carta, intitulada “A derrota do Cesarismo”, publicada no início do conflito, em setembro de 1914, Azevedo Amaral discutiu a ideia de “czarismo”, que, para ele, não significava apenas um sistema político e social organizado na Prússia da época. Na sua perspectiva, todos os países possuíam um pouco de “czarismo”, que poderia variar conforme o contexto político e social. Para ele, o “czarismo” seria um “estado mental” ou o “inconsciente coletivo” de uma nação, que, em momentos de crise política, apelava para a violência e a barbárie institucional por parte do Estado. Essa crítica se insidiava nas narrativas aliadófilas, que diziam que somente um dos lados, no caso a Alemanha, possuía uma política voltada à tirania e à violência. Para ele, todos os países envolvidos diretamente na guerra possuíam esse tipo de comportamento, em maior ou menor grau, dependendo de seu “estado mental”.

As cartas escritas por Azevedo Amaral no contexto da Primeira Guerra Mundial continham elementos fundamentais que serviram de ponto de partida para suas obras escritas durante a década de 1930. Nossa hipótese é de que sua experiência como correspondente ajudou tanto na formação de suas ideias políticas centrais, como na sua projeção nacional, não só no campo jornalístico, mas também no intelectual. Suas análises tinham como objetivo central pensar a formação política e sociológica dos países, definindo suas características do ponto de vista histórico, político, social e econômico. A coluna “Cartas de Londres” buscava apresentar ao público leitor do Correio da Manhã uma análise mais aprofundada dos acontecimentos relativos à Primeira Guerra Mundial.

Nessas cartas, Azevedo Amaral também analisava as ideologias presentes naquele contexto e a forma como elas estavam sendo pensadas e postas em ação por parte dos países em guerra.

Um exemplo é a carta intitulada “O Socialismo e a Guerra”, publicada em outubro de 1914. Nela, Azevedo Amaral discutiu o “fim do socialismo”, ideia que estava presente em alguns círculos intelectuais da época. Para ele, “O fim do socialismo” era uma leitura errônea do movimento, que apontava para uma incongruência do socialismo da época. Para Azevedo Amaral, essa narrativa se baseava no fato de que setores da ala socialista na Alemanha, ao entrarem na guerra, teriam contrariado o pressuposto “internacionalista” do movimento.

Muita gente que se supõe bem informada em assuntos de política europeia, tem se manifestado surpresa diante da presteza que com que os socialistas alemães pegaram em armas para defender a pátria, que o governo imperial dizia estar ameaçada pela coligação de potências adversas. Segundo, que mostram essa surpresa, o socialismo fez “barrocata”, porque, esquecendo o lado internacional da questão social, os seus adeptos, primeiro na Alemanha, depois em outros países, cumpriram escrupulosamente o dever cívico de não desertar diante do inimigo (AMARAL, 1914, p. 1).

Segundo Azevedo Amaral, esse argumento e seu pressuposto de uma “garantia de paz” não passavam de uma leitura rasa e superficial. Para ele, o socialismo era internacional, assim como outras ideologias, como o parlamentarismo ou o liberalismo, na medida em que seus pressupostos eram aplicados em diferentes países e contextos. Em sua concepção, contudo, nunca esteve nas preocupações dos partidos socialistas, pelo menos daquela época, a promoção da paz universal diretamente, embora, para ele, a maioria dos pensadores socialistas acreditasse que a remodelação econômica da sociedade teria como objetivo eliminar os principais problemas que causavam atrito entre as nações. O objetivo de Azevedo Amaral não foi discutir as ideias do movimento socialista na Alemanha profundamente, mas demonstrar seu aspecto voltado à reorganização da nação em contraposição ao “individualismo pacifista”.

Pelo seu objetivo final e pela própria natureza dos métodos de transformação econômica da sociedade que preconiza, o socialismo é pacífico, mas não pacifista. É pacífico porque funda toda a sua concepção da sociedade sobre a base do trabalho e

da atividade industrial; mas não é pacifista porque, tendo como ponto de partida do seu plano de reorganização da nação e não do indivíduo, não pôde de forma alguma reconciliar-se com as tendências cosmopolitas do pacifismo individualista (AMARAL, 1914, p. 1).

Nessa carta, Azevedo Amaral faz uma crítica ao liberalismo e seu pressuposto de paz, baseada na ideia de um progresso contínuo das nações. Seu principal alvo é Norman Angell, considerado um dos grandes nomes das Relações Internacionais do período. Norman Angell foi um defensor da corrente liberal/idealista, conhecida, na época, como “pacifista”, sustentando a crença do liberalismo econômico, a partir da competição no mercado, tanto de produtores, quanto de consumidores, promoveria uma harmonia entre seus interesses, superando qualquer conflito temporário. Nesse sentido, os liberais não aceitavam a conexão entre os eventos políticos e as mazelas provenientes da guerra e do imperialismo, pois “(...) o comércio e o intercâmbio econômico constituem uma fonte de relações pacíficas entre as nações, porque os benefícios recíprocos tendem a promover entre elas relações cooperativas” (MELO; LIMA, 2015).

De acordo com Azevedo Amaral, o movimento socialista do período estava produzindo grandes transformações, principalmente para a Inglaterra, reduto das correntes liberais. Medidas de estatização de estradas de ferro e de distribuição de alimentos seriam alguns exemplos dessas transformações. Para Azevedo Amaral, essas pequenas mudanças, se fossem realizadas pela iniciativa privada, levariam meses ou anos, pois as empresas privadas seriam calcadas pela lógica da concorrência e do lucro, gastando dinheiro com comissões e propagandas, em vez de resolver os problemas. Azevedo Amaral (1914, p. 1) terminou o texto dizendo:

Quando se vê que por toda a Europa a guerra está produzindo, em poucas semanas, reformas que requereriam anos de propaganda para serem realizadas, não só pôde deixar de rir piedosamente dos pobres de espírito, que andam a falar em "barrocata do socialismo".

Todavia, por volta de 1916, aconteceu uma mudança na trajetória jornalística de Azevedo Amaral enquanto correspondente internacional. Em

janeiro daquele ano, ele publicou duas cartas comentando sobre o contexto político inglês, o que não agradou o governo, levando-o a ser acusado de ir contra os interesses ingleses, sendo obrigado a sair do país. A primeira carta, intitulada “A crise inglesa”, discutia a crise política da Inglaterra a partir do crescimento do movimento militarista, o qual, segundo Azevedo Amaral, ia de encontro aos pressupostos liberais do país. O texto, em questão, tratava da aprovação da lei de obrigatoriedade do alistamento militar, que estava em discussão da Inglaterra. Para ele, essa obrigatoriedade, naquele contexto, estava levando o país a uma crise política sem precedentes na História, e, conseqüentemente, à um fracasso perante a guerra.

De acordo com Purseigle (2014), isso se deveu ao fato de a Inglaterra ter realizado uma série de adaptações em suas estruturas militares, políticas e sociais. Seu exército, uma pequena força encarregada do policiamento do império, sofreu um impacto gigantesco com o conflito. A guerra forçou a redefinição dos pressupostos da cultura liberal dominante e desafiou as concepções de cidadania, bem como a relação entre o Estado e a Sociedade Civil. Para Azevedo Amaral, o movimento militarista daquele contexto estava indo totalmente contra as tradições liberais do país, citando o exemplo do debate em torno do alistamento militar, que, de voluntário, passaria a ser obrigatório. No entendimento do jornalista brasileiro, o serviço militar obrigatório era sinônimo de reacionarismo e anti-civilização, fazendo com que, em poucas horas da deflagração do conflito, milhões de homens livres se convertessem em escravos militares, obrigados a ir para as fronteiras sem nem poder questionar o que estava acontecendo.

Mas se as lições do passado e a experiência atual mostram ao ingleses, as inestimáveis vantagens que eles gozam por se não acharem a posição perigosa com que o serviço militar obrigatório coloca os povos da Europa continental, o simples bom senso basta para provar como é absurda a ideia de introduzir a conscrição neste momento. Pondo de parte as razões de ordem política que foram evidenciadas pela calamidade que assola a Europa e que bastam para mostrar como o serviço militar obrigatório coloca no dispor da casta militar um poder exagerado e perigoso, é evidente que da decretação de tal medida nenhuma vantagem militar advirá para a causa dos aliados (AMARAL, 1916a, p. 1).

Azevedo Amaral ainda apontava que o problema militar da Inglaterra se devia à impossibilidade de expandir materialmente seu exército. Para ele, os estadistas ingleses, em épocas de paz, colocavam todos seus esforços na esfera da ação naval, e deixavam o exército em terra sem os investimentos necessários, diferente do que outros países, como a Prússia e Alemanha, fizeram. O problema militar seria a causa da crise econômica inglesa, que enfrentava o déficit de exportação e importação de produtos primários e a paralisa das indústrias, os quais estavam sendo afetadas pela produção de equipamentos bélicos e pela falta de operários. O movimento militarista da Inglaterra levaria, em última instância, a uma crise social gerada pelo desmonte das liberdades civis.

Em janeiro de 1916, Azevedo Amaral publicou outra carta em sua coluna, intitulada “Civilização versus militarismo”. Foi a última carta escrita em Londres e, também, a responsável por sua expulsão. Nela, Azevedo Amaral continua escrevendo uma série de comentários sobre a política inglesa, dizendo sobre a forma como ela havia deixado de lado suas tradições políticas liberais para abraçar o “militarismo reacionário”. O evento citado no artigo se refere a um ataque que a Marinha Inglesa fez, disfarçada de americanos, aos navios alemães.

Em agosto do ano findo navegava de Nova Orleans para o porto inglês do Avoumouth um vapor, o "Nicosian", trazendo um carregamento de algumas centenas de mulas destinadas ao exército inglês. Não há a mínima dúvida do que se tratava de um contrabando de guerra e, segundo o princípio estabelecido pelos alemães no meio da anarquia naval que a Inglaterra criou com o repudio de todas as leis do direito marítimo, Os submarinos germânicos tinham pleno direito de torpedear aquele transporte. Mas, segundo parece, o comandante do submarino que primeiro , avistou o "Nicosian\* era menos radical nos seus métodos do que outros dos seus camaradas; e, antes de meter a pique o vapor, deu tempo a que a respectiva tripulação passasse para os escaleres. Este ato de humanidade custou caro aos oficiais e marinheiros do submarino. porque, entretanto, apareceu a distância um vapor, que arvorava a bandeira dos Estados- Unidos e que tinha, em ambos os bordos, grandes escudos, nos quais também se achava pintada a bandeira americana. Tão perfeito era o disfarce que não podia passar pela mente dos tripulantes do submarino alemão, que aquele inofensivo vapor americano fosse o "Baralong", um cruzador auxiliar da marinha de guerra inglesa. Protegido pela bandeira dos Estados Unidos,



o cruzador britânico chegou até irmã pequena distância do submarino. Nessa ocasião a guarnição, do "Baralong" rompeu fogo de fuzilaria sobre o submarino e logo em seguida os canhões, que até então estavam encobertos, secundaram vigorosamente a da mosquetaria. Somente depois de ter rompido fogo é que o "Baralong" arriou a bandeira estrelada para içar em seu lugar a insígnia branca da marinha inglesa (AMARAL, 1916b, p. 1).

Para Azevedo Amaral, esse evento, somado à lei de alistamento obrigatório, significaram a contradição que a Inglaterra passava no período, saindo de um "ideal civilizatório para entrar na barbárie". Em fevereiro de 1916, o *Correio da Manhã* emitiu uma nota falando sobre a expulsão de Azevedo Amaral.

Comunicação oficial do ministro do Brasil em Londres, ontem transmitida ao ministro das Relações Exteriores, anuncia que o Governo inglês intimou o jornalista brasileiro sr. Azevedo do Amaral a deixar imediatamente aquela cidade. A intimação acrescentava comunicado, foi motivada pelos artigos que o referido escritor, na qualidade de nosso correspondente na Inglaterra, enviava ao *Correio da Manhã*, criticando a política inglesa na atual guerra européia (CORREIO DA MANHÃ, 1916a, p. 1).

A nota seguia dizendo sobre a atividade de Azevedo Amaral enquanto correspondente internacional do *Correio da Manhã*, apontando seu tempo de colaboração e a relevância de seus artigos semanais para o jornal. Destacava também suas qualidades como jornalista e grande observador da política europeia desde antes do conflito, apontando, sobretudo, seu caráter neutro. O texto apontava ainda que, a divulgação na imprensa do caso "Baralong" foi o estopim e que esse caso revelava ainda mais as arbitrariedades da Inglaterra no contexto da guerra.

A ordem de expulsão do sr. Azevedo do Amaral mostra que a divulgação desse fato incomodou o governo inglês. Se incomodou, ao ponto dele tomar contra o jornalista brasileiro a medida extrema de que lançou mão, é que aos olhos da Inglaterra\_ o caso do Baralong pôde ser legitimamente incluído na lista daqueles .que ela quotidianamente exprobra á Alemanha como provas e atestados da sua barbaria. Não ha, com efeito, outra conclusão a tirar do ato do governo inglês. Se ele não julgasse a divulgação do caso do Baralong capaz de comprometer a Inglaterra, não teria expulsado o sr. Amaral (CORREIO DA MANHÃ, 1916a, p. 1).

Um dia após a divulgação desse artigo, na edição seguinte do jornal, apareceu uma nota de primeira capa comentando sobre a expulsão de Azevedo Amaral. O interessante da nota é que ela se refere às correspondências de leitores do *Correio da Manhã* comentando a respeito do caso. Dizia a nota:

Recebemos homem os seguintes telegramas: Rio de Janeiro, 11. — Como brasileiro, cultor das amplas liberdades sobretudo da do pensamento consagrada pela nossa Constituição e pelas nossas leis, secundo com veemência o magistral protesto formulado hoje por essa benemérita e patriótica redação contra a tirania britânica, expulsando do seu território o eminente publicista Azevedo do Amaral, cujas correspondências para o "Correio" e outro periódico paulista sagraram no pelo talento, critério e assombrosa erudição, um dos maiores e mais completos jornalistas brasileiros atualmente no estrangeiro. — Elisario Tavora. S. Paulo, 11. Bravos! A expulsão do sr. A. Amaral da Inglaterra é o nobre prêmio dos que como o "Correio" não sabem vender a consciência nem trocar pelo ouro a magestade da justiça e do direito. — Ludwig Rose e "Ernesto França Ferreiro, redatores do Diário Alemão (CORREIO DA MANHÃ, 1916b, p. 1).

O jornal só voltou a falar do caso em maio de 1916, com a chegada de Azevedo Amaral ao Rio de Janeiro. A nota tinha um tom de acolhimento ao jornalista e, também, de crítica ao governo inglês. De acordo com o *Correio da Manhã*, a exposição do fato trazia à tona o preconceito de alguns homens do governo britânico em relação aos países sul-americanos. Um dos longos questionamentos feitos para Azevedo Amaral foi o de que os brasileiros não se interessavam por política internacional, tornando sua estadia, bem como seu trabalho de correspondente, irrelevantes ao país. Dizia o texto:

O "Paraguay", que deve chegar hoje ao Rio, traz a seu bordo o dr. Azevedo do Amaral, durante muitos anos nosso correspondente em Londres e recente mente expulso da Inglaterra por causa do comentário que fez em nossas colunas ao celebre caso do "Baralong". Apesar de todas as simpatias que os aliados inspiram ao nosso público, não deixou de lhe causar má impressão esse ato do governo britânico, evidentemente violento, pelo modo como foi executado. Sabe-se que foi concedido ao dr. Amaral o prazo insignificante de vinte e quatro horas para deixar o território britânico; esse prazo depois foi prorrogado. O que, porém, parecia um ato de clemência foi apenas um pretexto para as autoridades inglesas atormentarem o nosso correspondente em longos

interrogatórios, ainda não trazidos a público, nos quais ficou mais uma vez patente a opinião pouco lisonjeira que se tem na Grã-Bretanha dos países sul americanos. Com efeito, a autoridade que dirigia os interrogatórios, e falava, portanto, no nome do governo, declarou que "não era crível que, num país como o Brasil, o público se interessasse por política europeia a ponto de um jornal manter um correspondente especialmente para tratar do assunto." É clara a intenção da autoridade inglesa, mas inepta, porque o sr. Amaral ocupava há cerca de dez anos o cargo de correspondente do Correio em Londres, tratando quase que exclusivamente de política internacional. Todas as insinuações do representante do governo britânico foram recebidas com altivez pelo sr. Amaral, que a todas respondia com firmeza própria do seu caráter e sua culta inteligência. Percebendo, enfim, a lealdade do homem- que perseguiram, as autoridades britânicas deixaram a presa, não sem cometer mais uma violência, que a intervenção trouxa do sr. Fontoura Xavier não pode evitar. Tendo o sr. Amaral manifestado a intenção de partir para a Holanda, o governo inglês, como se sabe, declarou que ele só sairia da Grã-Bretanha para o Brasil, e ainda num pacote que arvorasse a Union Jack. Terminando sua viagem no Araguaya, acaba para o sr. Amaral o período em que sentiu o inconveniente ele se ir de encontro às ideias apaixonadas que a guerra incutia á um povo como o inglês. O erro do nosso correspondente foi julgar que apesar da guerra, se conservaria o ambiente de respeito á liberdade de pensamento, característico da Grã-Bretanha. Assim, encarava os incidentes da luta com imparcialidade e elevação, criticando ora um ora outros adversários que se medem no terrível conflito. Não foram os efeitos possíveis dessa crítica que irritaram o governo inglês; foi a sua evidente justiça que lhe feriu a susceptibilidade. A expulsão do dr. Azevedo do Amaral trouxe, entretanto, para nós, que trabalhamos nesta folha, uma grande vantagem: a de termos, de agora em diante, como nosso companheiro de todos os dias, um jornalista culto, independente e brilhante como poucos, que se têm dedicado ao serviço do Correio da Manhã (CORREIO DA MANHÃ, 1916c, p. 3).

O *Correio da Manhã* publicou duas edições, intituladas "O meu caso", sobre a expulsão de Azevedo Amaral, contando sua experiência como correspondente e os acontecimentos que o levaram a sair de Londres. Nos dois artigos, sua preocupação central foi demonstrar como seu caso, longe de ser um ato isolado, era totalmente público e de interesse coletivo. A publicação vinha no sentido de alertar o governo brasileiro à falta de liberdade de imprensa que os países neutros estavam sofrendo, principalmente os jornalistas que faziam o trabalho de correspondente internacional. No primeiro artigo, Azevedo Amaral narrou, de maneira sintética, como foi seu interrogatório com o chefe de polícia

britânico.

A entrevista começou suavemente depois do comissário ter liquidado a questão da minha nacionalidade, porque, segundo parece, a autoridade encarregada do Rio de Janeiro de fazer o inquérito sobre as minhas origens cometera a inadvertência de atribuir-me um sangue teutônico cuja presença nas minhas veias eu nunca suspeitara. Tranquilizado sobre esse ponto escabroso, o sr. Thomson perguntou-me se eu era de facto o correspondente do *Correio da Manhã*, o diante da resposta afirmativa indagou pressuroso quais eram as minhas opiniões sobre a guerra. Em poucas palavras sintetizei as ideias que durante dezoito meses tinha exposto nestas colunas. O chefe do "Special Brandi" interveio logo que terminei a minha exposição, dizendo que eu estava escrevendo "contra a Inglaterra E depois de confabular com o seu assistente naval começou a discutir vários trechos de um artigo que, segundo me informou, recebera telegrafado em código do Rio de Janeiro. Tratava-se de uma inocente exposição do caso do "Baralong" em que repetira a versão jurada pelas testemunhas americanas, que haviam assistido ao facto, versão esta que até hoje não foi substituída por outra capaz de merecer fé (CORREIO DA MANHÃ, 1916d, p. 1).

No segundo artigo, Azevedo Amaral alertou que essa falta de liberdade na imprensa seria apenas um exemplo do que poderia acontecer aos países neutros, fundamentalmente da América do Sul, caso a vigilância destes com o conflito europeu continuasse a ser negligenciada. Para Azevedo Amaral, a fiscalização dos acontecimentos europeus não se traduzia simplesmente a uma questão de interesse jornalístico, mas sim a uma necessidade política que merecia atenção, principalmente dos países neutros. A chegada de Azevedo Amaral no Brasil marcou um novo ponto de inflexão em sua carreira como jornalista; a partir daquele momento, não mais como um correspondente, mas sim como um jornalista que escrevia quotidianamente.

No *Correio da Manhã*, o jornalista passou a publicar notas diárias sobre política e, logo após, assumiu o cargo de redator-chefe do jornal. Todavia, a entrada dos Estados Unidos na guerra, no final de 1917, definiu a posição de Azevedo Amaral, que advogava para a participação do Brasil, o que acabou contrariando a posição do *Correio da Manhã*, que se dizia neutro em relação ao conflito. Essa tomada de posição não foi resolvida e, em novembro de 1917, Azevedo Amaral deixou o jornal. O *Correio da Manhã* lançou uma nota, falando

de sua saída:

Deixou de fazer parte da redação do Correio da Manhã, o dr. A.J. de Azevedo Amaral, que ocupava as funções de diretor de redator-chefe na ausência do dr. Edmundo Bittencourt e Leão Velloso. Durante muito tempo, esse primoroso jornalista, que o Brasil inteiro conhece e admira, prestou a esta folha o concurso inestimável do seu famosíssimo talento. A princípio foi nosso correspondente em Londres, cargo que ocupou por cerca de dez anos. As cartas que de lá escreveu sobre a guerra são as páginas mais belas e eloquentes de que havia notícia no jornalismo brasileiro. Em uma dessas cartas admiráveis, o dr. Azevedo Amaral ocupou-se do caso Baralong, que fora discutido e comentado com a maior liberdade na imprensa e no parlamento inglês. Sem embargo, o governo da Inglaterra decretou sua expulsão, obrigando-o a desembarcar no Brasil, com a proibição de se comunicar com qualquer porto da Europa. Aqui chegando, entrou ele para a redação do Correio da Manhã, e, dentro de pouco tempo, galgava pelo seu merecimento a posição que ocupava e onde mais realçaram suas extraordinárias qualidades de jornalista, a par da mais perfeita qualidade. Motivou a saída de do dr. Azevedo Amaral foi o fato de estar nosso diretor em inteiro desacordo, com seus artigos de primeira coluna, as quais não se harmonizam com os sentimentos nem com as tradições dessa folha. Para o lugar do dr. Azevedo Amaral entrou nosso companheiro Raymundo Silva que exercerá a função de redator chefe do Correio da Manhã até o regresso do dr. Leão Velloso que deve partir da França nos primeiros dias de agosto (CORREIO DA MANHÃ, 1917, p. 1).

Apesar dos conflitos, a passagem de Azevedo Amaral pelo “Correio da Manhã” o consolidou como jornalista, projetando-o nacionalmente. Evidentemente, essa projeção não se deu de maneira imediata, pois foi preciso mais uma década, passando por vários jornais, seja como colaborador ou redator, nos jornais do Rio de Janeiro, para se consolidar, também, como figura importante no campo intelectual do período.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A coluna “Cartas de Londres” foi o primeiro trabalho de Azevedo Amaral como jornalista. Sua posição social privilegiada, enquanto pertencente à elite carioca da época, foi fundamental para sua visibilidade como jornalista. Seu trabalho como correspondente internacional em um jornal de grande circulação na época, o *Correio da Manhã*, lançou as bases de sua carreira no campo do

jornalismo. Os textos escritos nessa época tiveram uma boa aceitação do público leitor. Vinham sempre em primeira página, o que significava se tratar de algo com importância para o jornal. Esses textos também nos revelam um pouco de suas ideias políticas no início de sua carreira. Os artigos selecionados narravam, de alguma forma, seu pensamento acerca do político e do social, e que também vai aparecer nas suas obras escritas ao longo da década de 1930.

O critério de seleção desses artigos foram, por um lado, os que estavam em melhor estado de conservação, o que permitiu a leitura integral dos mesmos, e, por outro, os que apresentavam elementos mais gerais de suas ideias. A ideia deste texto não foi discutir profundamente os acontecimentos relativos à Primeira Guerra Mundial e a forma como eles estavam sendo narrados no campo jornalístico da época. Seria preciso mais algumas dezenas de páginas para discutir as várias facetas, lados, discursos e narrativas que foram criados na imprensa periódica sobre a Primeira Guerra Mundial. Nosso interesse foi mostrar como Azevedo Amaral interagiu no interior desse campo jornalístico, apresentando algumas de suas ideias centrais no contexto bélico mundial.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Azevedo. O Socialismo e a Guerra. **Correio da Manhã**, ed. 5724, 27 out. 1914.

\_\_\_\_\_. O ponto de vista americano. **Correio da Manhã**, ed. 6115, 22 nov. 1915.

\_\_\_\_\_. A Crise inglesa. **Correio da Manhã**, ed. 6178, 24 jan. 1916a.

\_\_\_\_\_. Civilização versus militarismo. **Correio da Manhã**, ed. 6185, 31 jan. 1916b.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

CAMPOS, Raquel. O Correio da Manhã (1901-1974) e a educação para a beleza feminina. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v. 29, n. 1, jan./jun. 2016.

CASTRO, Gomes Angela; HANSEN, Santos Patricia. **Intelectuais Mediadores: Práticas culturais e ação política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CORREIO DA MANHÃ. O correspondente do Correio da Manhã em Londres.

**Correio da Manhã**, ed. 5086, 3 jan. 1913.

\_\_\_\_\_. A expulsão do correspondente do Correio em Londres. **Correio da Manhã**, ed. 6196, 11 fev. 1916a.

\_\_\_\_\_. A expulsão do sr. Azevedo Amaral. **Correio da Manhã**, ed. 6197, 12 fev. **1916b**.

\_\_\_\_\_. A chegada do Sr. Azevedo Amaral. **Correio da Manhã**, ed. 6300, 25 mai. 1916c.

\_\_\_\_\_. O meu caso. **Correio da Manhã**, ed. 6303, 28 mai 1916d.

\_\_\_\_\_. **Correio da Manhã**, ed. 6843, 19 nov. 1917.

GOMES, A. C. **Estado Novo, ideologia e poder**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

LAMOUNIER, Bolívar. Formação de um pensamento político autoritário na Primeira República. Uma interpretação. In: FAUSTO, Boris (org.). **História geral da Civilização Brasileira**. São Paulo: Difel, 1977. p. 343-374.

LEAL, Ranielle; REGO, Ana Regina. Imprensa Brasileira na Primeira Guerra Mundial: Intelectuais em ação. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 10., 2015. **Anais** [...] UFRGS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2015.

LEITE, Carlos Henrique Ferreira. Teoria, metodologia e possibilidades: os jornais como fonte e objeto de pesquisa histórica. **Escritas**, v. 7, n. 1, p. 3-17, 2015.

MELO, Vico; LIMA, Marcos Costa. Movendo o Centro: Colonialismo Oculto e as contribuições teóricas críticas e pós-coloniais para as Relações Internacionais. **REALIS**, v. 5, n. 1, jan./jun., 2015.

NASCIMENTO, Diego Lima. **O Brasil na Primeira Guerra Mundial: a participação de Rui Barbosa na definição do novo conceito de neutralidade**. 2017. Monografia. Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

OLIVEIRA, Lippi Lúcia. O pensamento de Azevedo Amaral. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta; GOMES, Ângela de Castro. **Ideologia e Poder**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p. 48-62.

PECAUT, Daniel. **Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação**. São Paulo: Ática, 1990.

PEREIRA, Aline Andrade. Imprensa e Primeira Guerra Mundial: Objetividade e neutralidade nos periódicos da época. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 35., 2012. **Anais** [...]. Fortaleza, Ceará, 2012.

PURSEIGLE, Pierre. Uma arte liberal da guerra: a grã-bretanha e a primeira guerra mundial. **Ler História**, v. 66, 2014.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Orientações do pensamento brasileiro**. Rio de Janeiro: Vecchi, 1942.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. vol. 1. Florianópolis: Insular, 2005.

VELLOSO, Mônica Pimenta. Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 145-181.

VIDAL, Gil. O bloqueio inglês e os interesses brasileiros. **Correio da Manhã**, ed. 6106, 13 nov. 1915.

***Recebido em 08 de maio de 2021.***

***Aprovado para publicação em 14 de março de 2023.***